

Samuel Leal de Carvalho

Dany Laferrière: literatura e alteridade

Artigo apresentado como Iniciação Científica à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Dilma Castelo Branco Diniz (UFMG)

Dezembro 2008

Dany Laferrière: literatura e alteridade

Resumo: Este artigo faz uma reflexão sobre a alteridade Branco/Negro no livro *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* que integra a obra *Une Autobiographie Américaine*, de Dany Laferrière, composta por dez livros. O estudo se divide em duas partes: a primeira, em que abordamos brevemente a biografia e a obra do autor, bem como uma introdução teórica sobre autobiografia e sobre alteridade Branco/Negro; e a segunda, em que discutiremos os jogos de poder entre o Branco e o Negro na sociedade e, sobretudo, na escrita de Laferrière.

Résumé: Cet article fait une réflexion sur l'altérité Blanc/Nègre dans le livre *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* qui intègre l'oeuvre *Une Autobiographie Américaine*, de Dany Laferrière, composée de dix livres. L'étude se divise en deux parties: la première, où nous abordons brièvement la biographie et l'oeuvre de l'auteur, ainsi qu'une introduction théorique sur l'autobiographie et sur l'altérité Blanc/Nègre ; et la seconde, où nous discuterons les jeux de pouvoir entre le Blanc et le Nègre dans la société et, surtout, dans l'écriture de Laferrière.

Dany Laferrière é um escritor quebequense que participa de um novo grupo literário no Canadá, o da literatura migrante. A narrativa de migração reúne vários elementos, dos quais o exílio, o sentimento de ser estrangeiro e o limiar (espacial, temporal e identitário) são os que aparecem mais frequentemente nas obras dos escritores da migração (Paterson, 2007, p. 19). Dentre os autores mais conhecidos desse grupo estão Laferrière, Sergio Kokis, Ying Chen, Marie-Célie Agnant e Régine Robin.

Embora Laferrière se insira nessa nova tendência literária, guarda certas reservas. Dany Laferrière, temeroso de ver-se classificado somente como um escritor canadense ou haitiano, prefere ser chamado de autor americano, porque este termo abarca e reúne o espaço da sua obra, conferindo-lhe um caráter continental.

I – Dany Laferrière, um escritor americano

Windsor Klébert Laferrière nasceu em 13 de abril de 1953, em Port-au-Prince, capital do Haiti. Chamado de Dany por toda sua família desde criança, o autor adotou esse nome como definitivo na capa de seus livros. O apelido talvez se justifique como um modo de diferenciá-lo do pai que tinha o mesmo nome, e, assim, protegê-lo de represálias do regime ditatorial de François Duvalier que governou o Haiti durante 14 anos, de 1957 a 1971.

Windsor Klébert Laferrière pai foi jornalista e militante em um partido que ele ajudou a fundar *Le Peuple*. Durante os primeiros anos do governo de Duvalier, Laferrière pai é um homem apaixonado por política e rapidamente se torna prefeito de Port-au-Prince; depois, subsecretário de Estado do Comércio e da Indústria. Pouco a pouco, Windsor Klébert Laferrière pai torna-se cada vez mais crítico ao sistema político e econômico do Haiti. Indesejado cada vez mais pelo governo, decidiram distanciá-lo do país e lhe enviaram em seguida como cônsul na Itália, posteriormente, na Argentina.

Em 1959, por fim, o pai de Dany exila-se em Nova York, a fim de proteger sua família, principalmente seu filho, de represálias do governo. No ano de 1984, ele morre nessa mesma cidade e Dany Laferrière só o reencontra no momento de sua morte.

A infância de Dany é um pouco afastada da vida na capital haitiana, uma solução da família para proteger o filho de Windsor Klébert. Dany passou sua infância em Petit-Goâve, a setenta quilômetros da capital Port-au-Prince, acompanhado unicamente das mulheres da família, principalmente de sua avó, chamada pelo escritor de Da, a quem ele dedica seu romance *L'odeur du café*.

Em 1971, François Duvalier falece. O poder é transferido para as mãos de seu filho, Jean-Claude Duvalier, que perpetuará um governo repressivo e extremamente violento. Jornalista em *Petit Samedi Soir*, Dany Laferrière exercia, no início dos anos setenta, a mesma profissão que seu pai. Dany é, nesta época, bem consciente das condições desastrosas da realidade sociopolítica do seu país. Ademais, trabalhar na mídia de um país durante um regime ditatorial é um ofício respeitavelmente perigoso; no caso do regime ditatorial de Jean-Claude Duvalier não foi diferente: apelidado de “Baby Doc”, Jean-Claude não mediu esforços para perseguir e eliminar todos aqueles que fizessem críticas contra o governo.

Com efeito, o assassinato de um colega de profissão, o jornalista Gasner Raymond – que também engajado politicamente, criticava o regime duvalierista – conduz Dany a uma decisão que marcará toda sua vida: o exílio. Dany sai, então, do país às pressas, temendo ser o próximo a ser calado pelo regime ditatorial, e chega a Montréal, onde trabalha, inicialmente, em diversos ofícios. Os últimos momentos que precedem ao exílio do escritor será, mais tarde, tema do livro *Le cri des oiseaux fous*, em que o fantasma da morte é o assunto mais abordado. Seu primeiro ano em Montréal, por sua vez, será tema de *Chronique de la derive douce*.

Em Montréal, Dany Laferrière publicará seu primeiro romance *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer?* em 1985, seguindo uma lista de nove outros romances¹, dos quais *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou*

¹ A ordem de publicação dos livros de Laferrière é: *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer ?* (1985), *Eroshima* (1987), *L'odeur du café* (1991), *Le goût des jeunes filles* (1992), *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit ?* (1993), *Chronique de la derive*

un fruit? é o quinto livro, publicado pela primeira vez em 1993, depois revisado pelo autor e republicado em 2002.

Desde seu primeiro livro, Dany Laferrière é alvo de um grande sucesso na América do Norte, sobretudo no Québec, onde *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer?* aparece, conforme Eurídice Figueiredo, como uma bomba. Dany faz muito sucesso e é premiado em literatura com o Prêmio Carbet do Caribe por *L'odeur du café* e o Prêmio Edgar-Lespérance por *Le goût des jeunes filles*. Além disso, os livros *La chair du maître* e *Le charme des après-midi sans fin* estão na lista dos best-sellers no Québec e se beneficiam de críticas favoráveis em toda parte².

Em *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*, Dany põe em foco o preconceito de raça, sobretudo nos Estados Unidos, e o dinheiro: duas formas de opressão ao negro na contemporaneidade. Embora o livro de Laferrière nos apresente um grande leque de ideologias da sociedade norte-americana, aquela que mais nos importa, para este estudo, é a alteridade Branco/Negro. Vale ressaltar que, somente nos livros em que o espaço não é o Haiti, é que podemos apreender uma discussão mais profunda sobre a alteridade Branco/Negro, visto que, em um país como o Haiti, onde todos são da mesma cor, não há negro, não há branco, não há preconceito de raça.

O espaço autobiográfico, segundo Philippe Lejeune, é uma realidade depois da obra de J. J. Rousseau, *Confessions*, do fim do século XVIII. Desde então, vários escritores fizeram a experiência desse gênero, colocando nas páginas de seus livros, suas projeções, confissões, sonhos e pesadelos. Lejeune, ao abordar o espaço autobiográfico na obra de André Gide, afirma que a autobiografia é um ato feito por pessoas vivas para outros vivos, definida pelo conjunto formado entre seu emissor e seus destinatários. Lejeune postula ainda que, de qualquer forma, a autobiografia deve criar um escândalo, a fim de estabelecer uma transparência, da qual o escritor reivindica a autoria ou o testemunho dela (1975, p. 117).

douce (1994), *Pays sans chapeau* (1996), *La chair du Maître* (1997), *Le charme des après-midi sans fin* (1997), *Le cri des oiseaux fous* (2000).

² Os dados biográficos de Dany Laferrière foram retirados do Dossiê de Pesquisa *Dany Laferrière: Un auteur d'Amérique*, de André Royer e de Stéphanie Lazure, consultado pela última vez na internet em 13/02/2008.

Na obra de Dany Laferrière, sobretudo em *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*, o espaço autobiográfico onde o autor mergulha é um espaço continental, a América, perpassado por lugares e experiências da memória do autor. O livro é escrito ao estilo do cronista de jornal: seco, às vezes duro e, no caso de Laferrière, sempre fragmentado.

« J'ai rempli huit calepins de notes prises sur le vif et j'ai fait des centaines de photos. L'Amérique est une montagne de clichés. Pour faire ce reportage, j'ai suivi la structure des villes américaines. Les grandes villes ne sont pas reliées de manière à former un ensemble, un pays. Elles sont dispersées dans le paysage (New York, Miami, Chicago, Dallas, Washington, Baltimore, Los Angeles, Boston, San Francisco) chacune conservant sa personnalité, son indépendance, son humeur, son style, mais toutes travaillées au ventre par le désir fou d'être une ville américaine. »³

Fascinado pela idéia desse continente chamado Novo Mundo⁴, onde tudo muda rapidamente, o autor questiona o conceito de origem, abala certas estruturas sociais brincando com o preconceito de raça, e exprime-se num mundo onde o homem e o deus formam uma só imagem: o escritor.

Frantz Fanon, por sua vez, em *Peau Noire, Masques Blancs*, empreende um estudo analítico sobre o racismo na sociedade do século XX. Nesse livro, Fanon analisa, sobretudo, o negro na Martinica e nas Antilhas, mas deixa bem claro que sua intenção é alargar os limites do seu estudo, para que seja possível englobar nele todo homem colonizado. Estudando a alteridade Branco/Negro, Fanon postula que o Negro não é mais do que uma invenção do Branco. Dessa maneira, Fanon observa que o racismo continua muito presente na sociedade contemporânea, assumindo um caráter como sempre opressor, mas desta vez sutil e, por isso, muito mais inconsciente. Para Fanon, a problemática do racismo na sociedade contemporânea está na carga semântica contida nas palavras que definem a alteridade (1995, p. 14). Dany Laferrière, aproximando-se mais de Fanon do que dele se afastando, acredita que, esvaziando a carga semântica das

³ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit ?* VLB éditeur, Montréal, 2002, p. 19

⁴ O conceito de Novo Mundo na obra de Dany Laferrière vai ao encontro do aspecto dinâmico da obra *Une Autobiographie Américaine*. A idéia de movimento que Laferrière não cessa de associar à América – que constitui, por sua vez, o espaço ficcional dos romances e evoca, ainda, o nomadismo da diáspora haitiana que marcou a vida de Dany – permite uma reflexão histórica sobre uma América, Terra prometida desde as Navegações, para onde vinham e vêm pessoas cheias de sonhos, de desejos e de fantasmas enfim. A América, para Laferrière é um território de se inventar e a se inventar.

palavras Branco e Negro (Figueiredo, 2007, p. 68), conquista a sensação de liberdade que é o sonho histórico dos americanos.

A alteridade, nas palavras de Janet M. Paterson, “diz respeito à nossa realidade em todas as dimensões: pessoal, social, literária, institucional e ética” (Paterson, 2007, p.13). A alteridade é, assim, o Outro em relação a um determinado grupo de referência, o qual é responsável pelo conteúdo semântico investido nas diferenças de uma pessoa ou de um grupo minoritário. A semantização dessas diferenças pode ser positiva ou negativa; mas, de qualquer forma, é uma ou outra atribuição semântica que cria a alteridade. Dessa maneira, para que haja alteridade, “as diferenças [entre grupos ou pessoas] se tornam significativas na construção de um universo de sentido e de valor” (Paterson, 2007, p. 14).

A alteridade construída no universo de Laferrière em *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* é responsável por localizar uma época e uma sociedade, e também por engendrar um processo de exclusão no nível das diferenças sociais existentes entre o Branco e o Negro na sociedade norte-americana. Esse tipo de escrita reivindica uma abertura em favor do Negro, isto é, reclama pela esperança de novas configurações e relações identitárias através da diferença aceita, respeitada e não semantizada negativamente (Paterson, 2007, p. 17).

II. A alteridade Branco/ Negro em *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*

Este livro de Dany Laferrière traça, talvez mais que qualquer outro, o espaço americano em sua obra autobiográfica. O narrador-personagem de Laferrière é, simbolicamente, um repórter viajante que cruza a América do Norte em diagonal, partindo de Vancouver, no Canadá, em direção a Key West, na Flórida, sul dos Estados Unidos. Inicialmente, Dany apresenta ao leitor um livro que contém dois capítulos iniciais que são intitulados: “Écrire en Amérique du Nord” e “Comment devenir célèbre sans se fatiguer”, e mais treze capítulos chamados de “partes”. Dos dois capítulos iniciais, o segundo é o mais longo e reflete sobre o impacto midiático provocado pelo título do primeiro livro do autor em diversas partes do mundo. Nesse capítulo, Laferrière traça um paralelo entre os dois livros, o que já se verifica na comparação entre os títulos que são, ambos, questões cujo eixo principal é o Negro.

Eurídice Figueiredo – em seu artigo “Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção” (2007), publicado na revista *Interfaces Brasil/Canadá* – discute o lugar do narrador na obra de Laferrière. Gostaríamos de ressaltar o diálogo que Figueiredo estabelece com Baudelaire, interpretando o caráter sedutor do narrador-personagem do primeiro livro de Laferrière através do conceito de *dandy*, proposto pelo poeta francês. Ela remonta aos escritos de Baudelaire para nos fazer uma ponte entre o processo de escritura autobiográfico de Dany e o escândalo provocado pela contradição entre a posição de *dandy*, na qual Laferrière se afirma, e o prazer de “chocar um público bem comportado, habituado à repetição dos clichês” (2007, p. 66). Exemplo disso é o humor do título da primeira obra de Laferrière abordado no segundo capítulo de *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*. Segundo Baudelaire, o *dandy* se mostra sempre a partir de um caráter de oposição e de revolta, além de ser representante do raro orgulho humano de “combater e destruir a trivialidade” (Figueiredo, 2007, p. 66). Eurídice Figueiredo nos lembra que “esta casta de pessoas busca, antes de tudo, a distinção e a originalidade, o culto de si, o prazer de chocar e a satisfação de nunca ficar chocado” (Figueiredo, 2007, p. 66). Na obra autobiográfica de Laferrière, é justamente através da busca pela originalidade que o autor consegue fazer-se ouvir e abalar ideologias coletivas consolidadas na sociedade norte americana e sustentadas por um público elitizado e indiferente ao racismo. *Ce pays raciste où personne n’est raciste, cela demeure un mystère pour moi* (Laferrière, 2002, p.72).

O livro é dedicado aos artistas negros: o escritor James Baldwin, ao músico Miles Davis e ao pintor Jean-Michel Basquiat. E a epígrafe é um grafito tirado do metrô de Nova York, em que se pode ler: *Je ne renie pas mes origines, mais je ne m’entends pas bien avec les autres Nègres. Je trouve qu’être nègre, ce n’est pas tout dans la vie* (Laferrière, 2002, p. 9). Essa epígrafe vai ao encontro do que Laferrière escreve no interior do romance e deixa claro que o autor, ao tratar do tema do Negro americano, considera que o ser humano não se encerra na cor da pele.

No início do livro, há uma reflexão erudita sobre a representatividade da obra de arte e a “verdade” de seu livro. *Ceci n’est pas un Roman. Je le dis en pensant à Magritte dessinant une pipe et écrivain en légende: « Ceci n’est pas une pipe. »* (Laferrière, 2002, p.11). Assim, para Laferrière, a “verdade” em seu livro se situa no nível da representação. O real existe na escrita de Laferrière e constitui a própria linguagem.

O restante do livro segue, quase sempre, essa linha de reflexão sobre a arte da linguagem, tanto que o tema mais abordado é o do escritor americano. Laferrière se interroga sobre seu ofício, sobre o sucesso e sobre a ambição. No coração da discussão, Laferrière confessa que seu objetivo é vir a ser um grande escritor, como seus ídolos: James Baldwin, Jorge Luis Borges e Charles Bukowski, dos quais o primeiro ocupa um lugar especial na biblioteca do personagem autobiográfico de Laferrière.

« C'est avec James Baldwin que j'ai envie de parler. Et, comme vous le savez, Baldwin est mort. Baldwin, le plus honnête des honnêtes hommes. Le seul écrivain en qui j'ai pleinement confiance. Chaque fois que je désespère des hommes, j'ouvre un bouquin de Baldwin pour y trouver l'intelligence la plus fine mêlée à la plus vive sensibilité. Baldwin est un homme selon mon coeur. »⁵

Dany elabora, ao seu estilo erudito e popular, fragmentado e contemporâneo, uma bem humorada reflexão sobre o racismo na América, interrogando-se sobre novos meios de segregação do Negro impostos por ideologias já incorporadas pela cultura americana, sobretudo a dos Estados Unidos da América. Trata do Negro e de sua presença na cultura ocidental como um esfacelamento do indivíduo em favor de sua sobrevivência dentro de uma sociedade branca que detém o dinheiro e se mostra, através dos seus hábitos contemporâneos, indiferente em relação ao comportamento racista.

Nesta ótica, Dany Laferrière se aproxima dos escritos de Frantz Fanon em *Peau noire, masques blancs*, que giram também em torno do racismo como problema atual e causa do esfacelamento do Negro. Ao refletir sobre as consequências desse esfacelamento, Fanon pondera que o complexo de inferioridade observado nos indivíduos de sociedades colonizadas se deve a uma espécie de morte da originalidade cultural local (1995, p.14).

Segundo Fanon, o Negro que, historicamente, foi estigmatizado pela sua condição epidérmica, não consegue ver no Branco somente seu “outro freudiano”, tenta se aproximar do Branco quebrando clichês históricos: por exemplo, o do Negro não-civilizado (1995, p. 153). De acordo com Fanon, uma reação do Negro a tamanha humilhação é tentar se destacar na escola, para mostrar à sociedade que Negro não é sinônimo de selvagem. Dany Laferrière conhece bem essa armadilha de que o Branco

⁵ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit ?* Montréal: VLB, 2002, p. 309.

lança mão para se manter na posição de mestre e aprisionar o Negro em um complexo de inferioridade.

« Finalement, j'ai écrit ce maudit roman et l'Amérique a été obligée, en ce qui me concerne, de tenir au moins une partie de ses promesses. Je sais qu'il y en a à qui elle donne au-delà de leurs besoins et d'autres à qui elle retire le morceau de pain noir qu'ils tiennent dans leurs poings serrés, mais j'ai pu lui faire payer au moins un tiers de sa dette. Bien sûr, il y a des gens que ma naïveté fera sourire, mais je vous jure, c'est très important pour mon système mental de croire à cette victoire, aussi minuscule soit-elle. »⁶

Talvez seja justamente por conhecer as armadilhas do racismo que o narrador-personagem de Laferrière prefira afirmar sua obra autobiográfica através de um movimento de vai-e-vem na fronteira da verossimilhança, entre o real e a ficção, deixando claro que, num mundo em que não há mais escravos, também não há mais mestre.

Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit? é um livro vasto, que convida o leitor ao movimento constante entre os temas mais diversificados que fazem parte do espaço ficcional criado pelo autor. *En Amérique, on bouge sans cesse. L'espace américain est une invitation à la vitesse* (Laferrière, 2002, p. 11). O leitor que navega em direção a esse Novo Mundo que propõe Laferrière é convidado também a se interrogar sobre a identidade cultural da sociedade e a daquele que a reflete, interpretando o mundo que está a sua volta através de uma ligação entre as macro e micro, isto é, a sociedade e o indivíduo.

“Et les Américains vivent entre eux comme si personne d'autre qu'eux n'existait sur ce continent. Sur cette planète. [...] Ils dévorent des tonnes de hamburgers, boivent des fleuves de Coca-Cola et passent la moitié de leur vie devant la télé. Ils prient tous les dieux imaginables et aussi un seul Dieu. Ils tuent de toutes les manières possibles. Ils ne connaissent pas le remords. Le monde est entre leurs mains comme un jouet d'enfant. Ils le cassent, le réparent avant de le jeter. Ils ignorent le passé et méprisent l'avenir. Seul le moment présent existe pour eux. Ce sont des dieux. Et leurs Nègres sont des demi-dieux. L'Amérique n'a qu'une seule exigence: le succès. »⁷

Essa passagem do livro de Laferrière revela uma perspectiva essencial para compreensão de sua obra autobiográfica. Se em *Comment faire l'amour avec un Nègre*

⁶ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* Montréal: VLB, 2002, p. 42

⁷ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* Montréal: VLB, 2002, pp. 16-17

sans se fatiguer?, o racismo é abordado através da dinâmica das relações sexuais, em *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*, os jogos de poder entre o Branco e o Negro são abordados sob o ângulo do sucesso e do dinheiro. Estes dois últimos, segundo Laferrière, são os únicos meios para o Negro se inscrever no corpo social e fazer parte dele.

Dany procura, na sua crítica ao racismo em *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*, ultrapassar os limites da identidade, as fronteiras geográficas ou raciais, para experimentar uma sensação de liberdade que só pode ser verdadeiramente atingida através do ato de escrita.

« J’errais, le soir tard, dans ces territoires lunaires où les sensations ont pour toujours remplacé les sentiments. Je prenais des notes. J’écrivais dans les toilettes de ces bars minables. Je tenais d’interminables conversations jusqu’au petit matin avec des intellectuels affamés, des comédiennes au chômage, des philosophes sans pouvoir, des poétesses tuberculeuses, enfin toute la racaille des sans-grade. »⁸

Segundo Philippe Lejeune, a escrita autobiográfica, ou melhor, o pacto autobiográfico selado entre autor e narrador-personagem no momento da escrita, apresenta, geralmente, aspectos como a fixação de um sentido da obra, a explicação sobre si, a identidade do “eu” abraçada através da síntese e, por fim, o sentimento de engajamento (Lejeune, 1975, p. 174). Para Lejeune, esse engajamento ocupa um lugar importantíssimo dentro de uma obra autobiográfica, porque ele confere à obra um caráter de “ato” (Lejeune, 1975, p. 173). Para Laferrière, entretanto, o engajamento não ocupa um lugar tão privilegiado. *Vous n’avez pas compris... Je n’ai pas dit que je ne voulais pas aborder la question raciale, mais je rêvais de l’aborder en esquivant la propagande.* » (Laferrière, 2002, p. 350). Laferrière não pretende ser um autor engajado: sua literatura quer a sensação de liberdade conquistada pela escrita, sem qualquer propaganda ou cartaz que lhe reduza seja à categoria de um autor exilado, seja à de um autor imigrante, ou mesmo à de um autor francófono ou africano. É o próprio Dany que nos conta essa refutação, abordando o tema do escritor caribenho:

« La Caraïbe! Toujours la même connerie! Les gens doivent écrire sur leur coin d’origine ! (Je le dit pour tout le monde: je suis très sensible sur ce

⁸ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* Montréal: VLB, 2002, p. 41

point.) J'écris sur ce qui se passe là où je vis... De toute façon, aujourd'hui, la Caraïbe est à New York et l'Amérique latine, à Miami. »⁹

Mesmo evitando a propaganda, a repercussão que os livros de Laferrière tiveram, na América do Norte, não deixou de contribuir ao conjunto de sua obra. Em outras palavras, o escândalo na escrita é relevante também para a obra de Dany, porque ele permite ao autor reservar um lugar para o leitor dentro da obra, chamando-lhe a atenção para um mundo que se abre através das ironias e das ambiguidades, a fim de conduzir o leitor a refletir sobre os jogos de poder mostrados no livro.

Conforme Laferrière, um dos jogos de poder mais cruéis, na América, é a propaganda falsa de uma terra prometida, onde a realização dos sonhos estaria ao alcance das mãos e fora dos moldes da sociedade européia:

« *THE PRICE IS RIGHT*. J'avalais tout. La plus fantastique machine de propagande que les humains aient mise en place. Cette Amérique qui n'arrêtait pas de crier que la vie est une fête et que les arbres de cette Terre promise ploient sous les fruits sauvages, lourds et succulents. L'arbre de l'Amérique produit aussi, malheureusement, des fruits amers. Et si, pour cueillir les premiers, il faut grimper l'échelle sociale judéo-chrétienne, les fruits amers, eux, sont à portée de main. »¹⁰

Para Laferrière, a América, Terra de festa e prosperidade, é uma realidade que não é compartilhada entre todos. A América que Laferrière descreve é um espaço fragmentado onde a festa só tem sentido se legitima o prazer, que é limitado quando a festa não acontece. Por sua vez, a metáfora da « árvore da América », símbolo da prosperidade, representa o retrato da sociedade americana, no qual há uma clara distância entre a camada social menos favorecida economicamente e a camada mais favorecida. No entanto, a única “ponte” entre elas é uma espécie de escada social judaico-cristã e, para subi-la, é necessário se adaptar aos limites que ela impõe. Logo, Laferrière critica fortemente a propaganda falsa de uma América democrática, visando, dessa maneira, reconstruir na sua obra um espaço em que a desalienação aconteça na medida em que as coisas retomem o seu lugar.

O próprio título da obra, *Cette grenade dans la main du jeune Nègre, est-elle une arme ou un fruit?*, coloca o Negro no centro de um jogo ambíguo entre um corpo

⁹ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit ?* Montréal: VLB, 2002, p. 15

¹⁰ LAFERRIÈRE, Dany. *ibid.*, p. 45

que é natural e outro que é construído como um objeto perigoso. Em francês, a palavra *grenade* pode significar o fruto romã ou a arma granada. A imagem do Negro projetada na base desse jogo ambíguo coloca em xeque a construção da identidade do Negro segundo as ideologias racistas da sociedade branca na América do Norte. O título do livro é nevrálgico, porque questiona o lugar do Negro (que, no título, está entre a imagem da arma¹¹ e a imagem de fruto) dentro da sociedade norte-americana.

Frantz Fanon, ao abordar a identidade do Negro em *Peau noire, masques blancs*, critica o estudo em que Jean-Paul Sartre descreveu uma consciência alienada, *L'être et le néant*, porque Sartre teria esquecido de que o Negro sofre, no seu corpo, de outro modo que o Branco, uma vez que o Negro não vê no Branco somente o seu Outro, mas também o seu mestre, real ou imaginário (1995, p. 112).

Conforme Fanon, o Negro absorveu de tal forma a cultura européia, que só consegue aceitar sua própria identidade, através de um comportamento que não só imita o do Branco, mas também que forma e cristaliza no seu semelhante (o Negro) uma maneira de pensar e de ver o mundo, que é essencialmente branca. É assim que ele nos explica como o jovem Negro das Antilhas aprende sobre suas origens:

« Aux Antilles, le jeune Noir, qui à l'école ne cesse de répéter « nos pères, les Gaulois », s'identifie à l'explorateur, au civilisateur, au Blanc qui apporte la vérité aux sauvages, une vérité toute blanche. Il y a une identification, c'est-à-dire que le jeune Noir adopte subjectivement une attitude de Blanc. »¹²

Fanon afirma que somente o Branco possui uma imagem do seu Outro, projetada corporalmente no Negro, como “o não-eu, o não-identificável, o não-assimilável” (1995, p. 131). No caso do Negro, o fato de não poder enxergar naturalmente seu Outro no Branco, cria um sentimento de inferioridade que não pode ser definido senão através de uma compreensão histórica do pensamento do homem ocidental. Fanon revela que, no inconsciente coletivo do homem ocidental, tanto o Negro como a cor preta são símbolos do mau, da morte, da miséria, da fome e da guerra (1995, p. 154). Ao tentar

¹¹ Esta imagem da violência associada ao Negro, sobretudo nos Estados Unidos, está extremamente ligada a uma dialética que o Negro deseja estabelecer, a qualquer custo, com o Branco. De outra maneira: a imagem do negro violento e rebelde não é outra coisa senão uma resposta à violência do racismo e da segregação imposta pelo Branco.

¹²FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil, 1995, p. 120

explicar esse sentimento de inferioridade do Negro em relação ao Branco, Fanon mostra como o Negro se adapta à cultura da sociedade branca, assimila seus preconceitos, seus mitos e seu folclore:

« Sans faire appel à la notion de catharsis collective, il me serait facile de montrer que le nègre, irréflexivement, se choisit objet susceptible de porter le péché originel. Pour ce rôle, le Blanc choisit le Noir, et le Noir qui est un Blanc choisit aussi le Noir. Le Noir antillais est esclave de cette imposition culturelle. Après avoir été esclave du Blanc, il s'auto-esclavagise. Le nègre est, dans toute acception du terme, une victime de la civilisation blanche. »¹³

Analisando o Negro face à linguagem, a fim de esclarecer a dimensão do Outro para o homem de cor, Fanon observa que falar significa existir absolutamente para o Outro. *Parler, c'est être à même d'employer une certaine syntaxe, posséder la morphologie de telle ou telle langue, mais c'est surtout assumer une culture, supporter le poids d'une civilisation* (Fanon, 1995, p. 13). Segundo Fanon, o Negro, cujo complexo de dependência ou inferioridade se verifica na impossibilidade de ver no Branco somente o seu diferente, teria uma inclinação cultural a querer fazer-se Branco, senão epidermicamente, ao menos no nível da linguagem. Assim, o Negro seria mais Branco na medida em que ele acreditasse se aproximar mais do “verdadeiro” homem e na medida em que ele fizesse cada vez mais sua a língua francesa (1995, p.14).

« Dans un groupe de jeunes Antillais, celui qui s'exprime bien, qui possède la maîtrise de la langue, est excessivement craint ; il faut faire attention à lui, c'est un quasi Blanc. En France, on dit: parler comme un livre. En Martinique: parler comme un Blanc. »¹⁴

Silviano Santiago, ao abordar o tema da colonização indígena na América Latina em seu ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”¹⁵, afirma que o maior artifício dos europeus na colonização e catequização do índio foram as encenações teatrais dos temas bíblicos, organizadas pelos jesuítas no interior das tabas indígenas. Os textos das peças eram escritos em duas partes: geralmente metade de um texto na língua do colonizador, o português, e a outra metade do texto traduzida para a língua do Selvagem, o tupi-guarani. Dessa forma, o índio poderia assimilar de uma só vez a língua, a cultura e o Deus do colonizador. Aliás, é sempre bom observar que o

¹³ FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil, 1995, p. 155

¹⁴ FANON, Frantz. *ibid*, p. 16

¹⁵ SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

colonizador não traz à América somente seu Deus como um objeto; para os índios que viviam aqui, o colonizador compunha, à sua imagem e semelhança dele, a própria divindade através do discurso religioso.

Dany Laferrière, bastante consciente do poder da palavra e da carga ideológica que ela veicula, refere-se ao encontro com sua identidade em *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* como Cristo encontrou seu Outro: o homem. *Dire le mot Nègre si souvent qu'il devienne familier et perdre tout son soufre... Me vautrer là-dedans, me rouler dans le racisme, devenir en quelque sorte Le Nègre comme Christ a été L'Homme* (Laferrière, 2002, p. 350). Laferrière evoca, através dessa passagem, todo o processo histórico de colonização no Ocidente e o assujeitamento do Selvagem através do código linguístico e religioso, imposto pelo Branco que trazia o Deus judaico-cristão na forma do Verbo encarnado. Buscando esvaziar a carga semântica do verbo: Negro; o autor (re)constrói seu mundo com um estilo característico que lhe permite naturalizar o Verbo, isto é, trazer o verbo ao seu estado natural de palavra assim como trazer o Negro ao de homem.

Laferrière, por meio de sua escrita, recusa qualquer engajamento na luta racial e busca a sensação de liberdade, o que lhe permite reinventar seu espaço e desmistificar, no âmbito da palavra, o Negro frequentemente visto como um selvagem pela sociedade branca da América do Norte. Dany encontra na ironia, como mostraremos mais adiante, um dos artifícios mais eficazes contra o racismo.

Frantz Fanon, ao tratar do Negro e da linguagem, nos abre caminho para a interpretação da ironia em relação à alteridade Branco/Negro, expondo-nos uma história cujo objetivo principal, quando recontada, é o de provocar, tal como a ironia, o riso que conduz os parceiros do discurso a um incômodo que exige uma imediata reflexão sobre aquilo que foi dito, ou melhor, sobre aquilo que ficou pressuposto e, até mesmo, sobre aquilo que o interlocutor subentende:

« Dernièrement, un camarade nous racontait cette histoire. Un Martiniquais arrivant au Havre entre dans un café. Avec une parfaite assurance, il lance: « Garrçon ! un vè de biè. » Nous assistons là à une véritable intoxication. Soucieux de ne pas répondre à l'image du nègre-mangeant-les-R, il en avait fait une bonne provision, mais il n'a pas su répartir son effort. Il y a un phénomène psychologique qui consiste à croire en une ouverture du monde dans la mesure où les frontières se brisent. Le Noir, prisonnier dans

son île, perdu dans une atmosphère sans la moindre débouché, ressent comme une trouée d'air cet appel de l'Europe »¹⁶

A ironia funciona como uma armadilha que o locutor arquiteta na linguagem, de modo que aquilo que se diz não dê conta do sentido escondido que jaz sob a estrutura morfológica e sintática da frase. É como se a ironia, para ser apreendida, esvaziasse toda a carga ideológica daquilo que está posto na frase, dando a sensação de liberdade ao locutor e ao interlocutor de pensar até mesmo à frente de uma época, transgredindo fronteiras do espaço discursivo em que se inserem. Aliás, a ironia se define por seu caráter insinuante, crítico, talvez duplo, cujo verdadeiro sentido só pode ser apreendido através de uma reflexão entre parceiros que compartilhem um determinado conhecimento de mundo. Parceiros contextualizados, enfim. Aqueles que compartilham conhecimentos sobre aquilo que dizem e ouvem são os que podem perceber as nuances de um mundo que se abre através da fenda causada pela ironia no discurso.

Dessa maneira, a ironia é o grande olhar de Laferrière sobre a linguagem literária. Dany lança mão de sua habilidade linguística, para desmistificar as ideologias que a palavra veicula e que são responsáveis diretamente por aprisionar tanto o Branco na sua brancura, quanto o Negro na sua negritude.

« Du sang de Christophe Colomb coule dans les veines des Noirs D'Amérique. Le mythe du découvreur. Le rêve le plus obsédant de chaque Noir d'ici, c'est de découvrir une petite ville toute blanche sous la neige où il serait le premier à débarquer. »¹⁷

É através dessa brincadeira sarcástica com a linguagem que Laferrière – misturando memória cultural e ficção em sua obra – estabelece uma relação intrínseca entre o corpo e o espírito da palavra. Literariamente, o corpo é identificado ao signo linguístico e o espírito, ao conteúdo semântico que esse signo carrega.

« On écrit avec son esprit. On parle avec son corps.[...] Une mangue tombe. J'écris: mangue. Les enfants jouent au ballon dans les rues parmi les voitures.

¹⁶ FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Seuil, Paris, 1995, p. 16 [O café onde se passa a história contada por Fanon está na França.]

¹⁷ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit ?* VLB éditeur, Montréal, 2002, p. 95

J'écris: enfants, ballon, voitures. On dirait un peintre primitif. Voilà, c'est ça, j'ai trouvé. Je suis un écrivain primitif. »¹⁸

Na obra do autor, a linguagem passa de coerente, progressiva, linear e clara, a uma linguagem fragmentada, que recolhe momentos diversos na memória do autor e que convida o leitor a experimentar mais que o sentimento de uma liberdade comprada (Laferrière, 2002, p. 117). A escrita de Laferrière representa a sensação *prise sur le vif* da liberdade e que, por isso, rejeita qualquer imposição ideológica que vise ao assujeitamento, à opressão e à dominação.

« – Quelle religion?

– Je suis catholique, mais, de nos jours, il faut *faire un peu du shopping*¹⁹ pour tout. Chaque religion a quelque chose de bon. Je trouve l'Église catholique un peu ennuyeuse. Les autres, au moins, ils tapent des mains, ils dansent, et les pasteurs sont très drôles. Bien sûr, ils demandent constamment de l'argent et sont souvent de fieffés bandits, mais moi, il ne faut pas que je m'ennuie quelque part... »²⁰

Dany nos apresenta, enfim, uma intertextualidade com Frantz Fanon, por meio da qual nos deixa a mensagem de uma literatura que é capaz de devolver ao Negro seu estado natural de homem que a sociedade branca lhe nega. Consoante Frantz Fanon, as fronteiras ideológicas impedem o Negro de enxergar no Branco seu “outro freudiano”. *Le Martiniquais ne se compare pas au Blanc, considéré comme le père, le chef, Dieu, mais se compare à son semblable sous le patronage du Blanc* (Fanon, 1995, p. 174). Para Fanon, o responsável pela mistificação do Negro é o meio onde ele está e esteve inserido:

« Historiquement, le nègre, plongé dans l'inessentialité de la servitude, a été libéré par le maître. Il n'a pas soutenu la lutte pour la liberté. D'esclave, le nègre a fait irruption dans la lice où se trouvaient les maîtres. Pareil à ces domestiques à qui une fois l'an on permet de danser au salon, le nègre cherche un support. Le nègre n'est pas devenu un maître. Quand il n'y a plus d'esclaves, il n'y a pas de maîtres. Le nègre est un esclave à qui on a permis d'adopter une attitude de maître. Le Blanc est un maître qui a permis à ses esclaves de manger à sa table. »²¹

¹⁸Esta passagem foi retirada de uma citação de *Pays sans chapeau* (LAFERRIÈRE apud ROYER & LAZURE, *Dossier de recherche – Dany Laferrière: un auteur d'Amérique*, p. 20).

¹⁹ Grifo nosso.

²⁰ LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit ?* VLB éditeur, Montréal, 2002, p. 245

²¹ FANON, Frantz, *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil, 1995, p. 178

Dany Laferrière, por meio da ironia, burla esse sistema descrito por Fanon, no qual o Negro é aprisionado por ideologias racistas. Dany reflete que a ficção responsável pela mistificação do Negro só pode ser desconstruída na medida em que o Negro experimenta uma consciência crítica de sua realidade e de sua própria identidade. Laferrière observa que o racismo, na sociedade contemporânea, tomou outras formas, vestiu roupas novas e saiu às ruas. Quer dizer: a opressão do racismo continua presente na sociedade, criando novas formas de segregação, das quais o autor aponta a questão econômica como a mais impiedosa:

« Si les Blancs ont institué le racisme (moi, je le sais), c'est tout simplement pour l'argent. Le pouvoir qui donne l'argent: acheter la main d'oeuvre à bon marché, taillable et corvéable à merci. Voici le Nègre dans l'oeil du Blanc. [...] Le racisme a créé le sud des États-Unis, qui a créé le blues, qui a donné du sang neuf au showbiz américain. Le showbiz américain rapporte des milliards chaque année. Il a créé Michael Jackson, un androïde qui n'est ni noir, ni blanc, ni rouge, ni jaune. On insulte partout Michael Jackson parce qu'il a gagné le pari difficile de n'avoir ni sexe, ni couleur, ni race et, vu sa relation privilégiée avec son singe, ni identité non plus. [...] Je parle d'identité profonde. Est-il un animal ou un humain? »²²

Através da crítica e da ironia contra o sistema norte-americano, Dany Laferrière em *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* retoma a temática dos jogos de poder entre o Branco e o Negro, presente na obra maior *Une Autobiographie Américaine*; situando a palavra Negro num espaço convidativo à sensação de um indivíduo livre e independente que se apropria do espaço americano através do movimento migratório que o livro evoca a todo momento. Laferrière, consciente do espaço fictício que constitui sua obra, se propõe, então, a abolir no ato de sua escritura a distância que ele descreve entre o Branco e o Negro. Justamente, na medida em que a escrita de Laferrière transgride as fronteiras do espaço americano e de sua própria identidade, é que ele se insere e se escreve.

III – Referências:

BAUDELAIRE, Charles. Le dandy: le peintre de la vie moderne.

In: _____. *Oeuvres complètes*. Paris: La Pléiade, 1951.

FANON, Frantz. *Peau noire, masques blancs*. Paris: Seuil, 1995.

²² LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* Montréal: VLB, 2002, pp. 266-267.

FIGUEIREDO, Eurídice. Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção? In: *Interfaces Brasil/Canadá*. Rio Grande: ABECAN, 2007. n. 7.

LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?* Montréal: VLB, 2002.

_____. *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer*. Montréal: VLB, 1985.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975

PATERSON, Janet. Diferença e alteridade: questões de identidade e de ética no texto literário. Trad. André S. Vieira. In: FIGUEIREDO, Eurídice; PORTO, Maria Bernadette V.(Org) *Figurações da alteridade*. Niterói: EdUFF/ABECAN, 2007.

ROYER, André, LAZURE, Stéphanie. *Dany Laferrière: Un auteur d'Amérique*. http://www.contactto.net/img/pdf/dossier_laferriere.pdf. Último acesso: 13/02/2008.

SANTIAGO, Silvano. *Uma literatura nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.